

Anexo J

Entrevista/diálogo informal [guião aberto]

23/Agosto/2011 - Domingos Damas, pescador de profissão, Mira, no activo

Após uma manhã na praia e de várias entradas no mar...

[Domingos Damas, após questionado sobre conflitos entre companhas e/ou entre pescadores] Estamos cansados não é? Fizemos três lanços, a labuta é muita. Ao meio dia fomos comer e vir logo. Temos apenas um quarto de hora pra comer e é assim. Agora nós, rivalidades de barco para barco...há aquelas rivalidadezitas, mas não inimigos uns com os outros. Eles lutam pela deles e nós lutemos pela nossa.

Se há conflitos os patrões que se entendam. Que eu tenha alguma coisa a ver com o meu patrão...é comigo e com ele. Se ele tem alguma coisa com aquele barco que é outro patrão (...) são rivalidades que a nós não nos dizem respeito.

[São rivalidades pessoais que não são trazidas para o campo laboral?- Ana]

São rivalidades pessoais que são do interior, que não são da pesca. Às vezes há uns conflitozitos se um barco...Como aconteceu aqui há dias, sem querer, deitaram um bocado da rede por cima da nossa. Depois cá na areia tudo correu bem, safamos a rede e nós safamos a nossa. Eles não fizeram a pesca, nós também não. Mas, não se pode andar com (..) nas nossas idades, homens com 60 e 70 anos, não fica bem.

Temos as nossas falas, mas fica aqui. O que se passa no mar, a gente chega à terra e acabou.

[É assim que devia ser sempre? - Ana]

Mas é assim que nós trabalhamos uns com os outros.

[A safra este ano foi boa?- Ana]

Fraca!Os melhores ainda somos nós, assim como outros. Três barcos lá para baixo a pescar e não mataram nada. Só nós é que matamos carapau. É triste, eu digo a verdade. É triste porque todos nós precisamos de ganhar. E todos os patrões têm as suas despesas iguais e todos os patrões precisam de safar as despesas. Agora que eu goste que o meu patrão arraste mais e eu arrastar mais que aquele. Isso é uma verdade. Se o meu patrão ganhar muito, eu também ganho mais. Agora...hoje chegamos nós em primeiro, amanhã calha àquele, mas isso são rodadas e "marezes" do mar.

[Andar ao sabor do mar, dos ventos deve constituir uma dificuldade. - Ana]

Olhe, é o habito da vida dos que nasceram dos entre daqui. Eu com sete anos de idade já trabalhava na vida do mar: a enxugar redes, a botar redes para cima, a puxar redes, a amarrar cordas, naquele tempo com os bois. Agora é com motores e são eles que fazem a maior força.

[Os seus antepassados já o faziam? É uma tradição de família? - Ana]

Já, sim. É uma tradição de família. Mas eu estou agora a fazer o que fazia quando saí para a tropa. Fui para a traineira, da traineira fui para a tropa. Fui dos primeiros a ir para o ultramar, vim. Vim pra traineira. Emigrei para França, estive lá 40 anos na França. Correu-me mal. Trabalhei 16 anos em Aveiro e na Figueira da Foz. (...). Agora ando aqui a ajudar e a ganhar...É um extra.

[Retomamos o assunto principal]

Aqui na pesca conflitos não há. Conflitos de chegar à porrada e essa coisa, não há. Há as nossas rivalidades entre pescadores e dos patrões uns com os outros e essa coisa, mas acaba tudo na praia.

[Entendo. Ganha mais também vende mais. É um jogo - Ana]

Ora pois, cada um puxa a brasa à sua sardinha. Tem que ser assim.

Está bem, ainda é do tempo dos ____ que inventaram esta pesca artesanal. Já é do tempo dos nossos bisavós e avós.

(...) Mas os homens do mar normalmente são homens do mar e de enxada no campo.

[...]

24/Agosto/2011. João Baptista - 61 anos, pescador de profissão, Mira, reformado

[Introdução do assunto principal]

Pois, se temos conflitos uns com os outros. Praticamente somos quase todos reformados. E depois o trabalho é dividido por todos, sem excepção. Não há conflitos de ordem nenhuma.

[Ontem disseram-me que o que acontece no mar resolve-se em terra- Ana]

Mais uma razão para aqui não haver conflitos porque de facto isso é no mar alto, por exemplo, quando embarcamos nas traineiras, etc etc e navios do bacalhau, por aí fora, onde nós quase todos já lá andamos, a ausência faz com que nos chateamos uns com os outros. É a partir daí que há os ditos conflitos. E aí dizemos uns para os outros "Lá em terra é que a gente fala. Em terra é que resolvem as coisas". Nesta arte aqui, na *xávega* não acontece. Não acontece porque são poucas pessoas que andam no mar. São três ou quatro, cinco no máximo. É meia hora de viagem ir e vir e não dá tempo para as pessoas se chatearem.

[E nos casos em que as redes se emaranham?- Ana]

Bom, aí já é um caso..."porque tu estragaste-me o lanço, porque o teu levava mais, o meu levava menos e não sei quantos". Mas ao ponto de se "ganfar", como nós

costumamos dizer, uns aos outros não, isso não acontece. Nem puxar pela pistola, nem puxar por navalhas, não. Isso é aparte. Isso é um problema resolvido à parte.

Depois temos uma coisa que é, quando acontecem essas coisas, normalmente o culpado paga o prejuízo ao outro. Não tem de ter problemas de maior.

[Portanto, o culpado paga sempre o prejuízo e é determinado entre todos. É assim?-Ana]

Normalmente é assim. É por unanimidade. Nós tendo uma avaria ou o outro. E depois amanhã acontece-nos a nós e fica tudo sanado. Não tem problemas.

[E o que me diz sobre este assunto há três séculos atrás. Será que havia conflitos entre pescadores? No século XIX. - Ana]

Era capaz. A cultura também era outra.

[Sim, talvez por ser muito limitado no que diz respeito às ocupações? – Ana]

Era só aquela actividade. Nós hoje já não. Todas os que estão aqui já andaram na Alemanha, no Canadá, em França. Por esses países. Somos quase todos reformados da pesca. Uns tiveram na Alemanha, outros no Luxemburgo, outros em França. Eu fui para o estrangeiro embarcado no bacalhau e é daí que vim para a traineira e para esta costa.

Mas as pessoas aqui não chegam ao ponto de haver conflitos. E quando há confusão no meio dos dois há sempre 4 ou 5 que abafam.

[Acerca das ocupações. O senhor é agricultor e pescador? - Ana]

Normalmente aqui somos todos. Somos todos. Fazemos um bocadinho de terra. Temos os nossos legumes. Um feijão-verde, uma batata, milho nem tanto. As coisas de comer mais essenciais

Nós aqui chamamos os mimos. Os miminhos frescos vindas da terra para nós comermos. feijão-verde, a alface. As galinhas. Antigamente criávamos porcos, hoje já não. Já não porque a Praia de Mira era muito pequenina e desenvolveu-se muito. E onde há casarios era campo e nós criávamos os porcos no campo perto das casinhas que fazíamos de madeira que agora já não existem. Hoje criam-se umas galinhas, e só praticamente...

(...)

[E a prática da caldeirada? – Ana]

Ah, a caldeirada entre pescadores. Nós temos direito a 2kg de peixe por dia. Mas nós muitas das vezes trazemos 700 g. Porque o patrão pode não estar de acordo que a gente leve. Tiramos uns ruivos, cabalas, enfim. Uma caldeirada. Uma mistura de peixe. E o patrão pode ver, mas não diz nada.

Pois. Por acaso, não diz nada porque sabe que nós temos direito a uma refeição de peixe por dia. De modo que eles não lhes dizem caso e a companha não diz nada. O que não podemos trazer é peixes de valor: robalos, lulas, rabetas,...

Nós ganhamos pouco, mas eles têm grandes despesas...nós trazemos 4 máquinas na praia. Nós pagamos, isso é verdade. Mas se o patrão tiver uma avaria de 500 ou mil contos do nosso bolso não sai nada, isso é tudo do bolso deles.

Por isso é que não dá para trazer assim uma caldeirada porque as avarias são deles. Perder não se perde, mas partir uma rede destas, por exemplo. Se temos avarias numa rede destas. O gasto é de 300, 400 ou 500 contos. É uma avaria. A rede fica lá. No nosso mar temos muitas piguilhas, se isto vai a um piguilho...

Um dia destes partimos uma rede destas, havia uma muleta daquelas que o outro barco acolá deixou no mar...e aquilo enterrou. Se puxássemos isso pra terra partíamos tudo. Por acaso ele ontem tirou pra terra. Foi ele que a deixou, foi ele que a tirou.

Não são avarias grandes, mas que causam despesa. Uma bobine destes fios, por um bocadinho de nada, isto é nylon.

[São diferentes das que eram antigamente, correcto? – Ana]

São, antigamente as deles eram em ráfia e algodão.

[E partiam com mais facilidade? – Ana]

Sim, partiam com mais facilidade, e agora isto é pior que ferro. Eu andei a trabalhar, andei a fazer uma força descomunal e pode trazer só numa sacada 20 ou 30 toneladas. Temos que abrir este burquinho aqui (aponta para a boca do saco já cozida). Abrir, cortar para que o peixe saísse.

[Constantemente? – Ana]

É um serviço que temos que fazer todos os dias. Ou seja, o saco chegou à terra, nós pra tirarmos o peixe cortamos, e depois quando a rede vem pra cima nós talhamos sempre a rede, estendemo-la e tem de ser feito. Se formos pro mar sem isto por fazer não traz peixinho, vem aberto. Chama-se o junto, na gíria do pescador.

É algo que fazemos mais pra nós de idade, pra passarmos mais o tempo. Nós somos quase todos reformados. Só andam três ou quatro rapazes novos. Na nossa companha temos o Pedro, Fernando, o João Sérgio, ah...três. Ah e o Tó, quatro. Vá lá, quatro. E uma mulher. Aquela rapariga que está acolá. É quem trata das caixas, lava as caixas, lava o armazém, lava a casa de banho.

[Mas não vai na embarcação? – Ana]

Não. Nem pensar.

[Nem pensar porquê, diga-me. – Ana]

Porque é mulher.

Nem nós vamos. Os velhos..., velhos, isto é e eu não sou muito velho. Tenho 62 anos. De qualquer das maneiras, eu estou reformado e já não tenho direito de ir. Já estou reformado e os reformados não podem embarcar. E então é isso que está a acontecer. Neste caso, é... Ela não pode.

Na companhia que anda no mar, são cinco rapazes. Entre 20 são 5 que não estão acordados. De resto está tudo.

[O senhor é filho de pescador, neto? – Ana]

Fui filho de pescador, neto e irmão de pescadores. A nossa família é da pesca, ou seja passou de pais para filhos.

(...)

Maçarico é talvez um dos nomes mais sonantes desta terra. São os donos do capital, os donos da fábrica Maçarico. Talvez das melhores da Europa.

[Eles tinham capital para investir, certo? – Ana]

Foram eles que praticamente começaram com esta arte. Com a arte da *xávega*, porque naquele tempo tinha de haver capital para trazer 40 e tal homens em cada companhia.

Nós hoje somos a companhia maior que está aqui. Somos cerca seis companhias e a nossa é a maior. Mas é a maior porquê? Qual é a razão dela ser a maior? O patrão já disse que prefere uma maior que é para quando houver muito peixe, eu deixar metade a trabalhar no peixe e pegar no barco e ir para o mar novamente.

Enquanto que nos outros já não acontece porquê? São relativamente poucos. Que foi o caso de ontem. Nós fomos para o mar duas vezes e acolá a companhia só deu um porquê? Porque tinha muito peixe e pouca gente. E se a gente então, quando ele chegar não o escolhe e não o manda ali pra lota então é preferível estar parado.

[Tem de haver uma distribuição de tarefas. E também é preciso que a companhia renda muito, correcto? – Ana]

Aquela companhia tem 12, 13 homens, eles desenrascam-se bem. Sacrificam-se mais um bocadinho, mas trabalham.

[Este ano a safra é má? – Ana]

A safra é muito má. No ano passado por esta altura havia muito carapau, sardinha. Muito peixe graúdo. Costuma-se dizer que há peixe a montes, e era de facto. (...dificuldade de audição pelo ruído das máquinas). Os lanços davam 200 a 300 caixas de carapau. (..) Nós agora trouxemos duas. O peixe rende sempre muito quanto em boas quantidades. 5 euros a caixa, já tivemos ocasião de o vender a 80 euros a caixa. Porque quanto maior a quantidade, mais saída ele tem.

(....)

Nós aqui, habitantes da Praia de Mira, somos sustentados a peixe: caldeirada, grelhado, frito, cozido. São outros tempos. Só se comia coisas saudáveis. Nada é como antigamente.

24/Agosto/2011 Sr. Luís Milheirão, pescador de profissão, Mira

[fala-se de conflitos]

De vez em quando há.

[Há? Então há conflitos porquê? - Ana]

Há assim...derivado à vida que ela é.

[Incerta? – Ana]

Exactamente, incerta. Há sempre pessoas que são mais activas umas que as outras. Umas são conhecedoras e as outras não são. E essas que não são conhecedoras é que realmente às vezes fazem essas zaragatas e é tudo assim.

[E são bem resolvidas? – Ana]

São, são. Isso depois fica tudo em águas de bacalhau. Fica tudo que é uma maravilha.

(...)

(...)

O mar aqui é pequeno, ouça, isto tem...antigamente tínhamos praias suficientes para desenvolvermos a nossa actividade e hoje não temos. Mas temos praia suficiente. Este bocadito. Se reparar que aqui a uns 200m já não tem praia pra *xávega*. E isto o que é que faz? Faz a gente estar assim mais ou menos encostados uns aos outros. Aqui estão dois, ali mais para o norte, a menina pode ver, tem duas embarcações.

[No Poço da Cruz?- Ana]

Mais pra cá, mais pra cá. No Poço da Cruz também está uma. E aqui entre os molhos também está uma, mas não pode trabalhar.

Aqui não pode trabalhar porquê?- Ana

...Aqui o acesso agora é muito difícil. A época banear. Daqui para lá não pode. E a gente respeita muito isso. Temos que respeitar.